

ISMAEL DE LIMA COUTINHO
E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL⁷

Maria Teresa Coutinho Robert

1. Ligeiros traços biográficos

A doze de maio de 1900, em Paraquena, município de Santo Antônio de Pádua, estado do Rio de Janeiro, nasceu Ismael de Lima Coutinho, filho de José Coutinho de Carvalho, modesto negociante de interior, e de D. Amélia Mascarenhas de Lima Coutinho. Aprendeu as primeiras letras em sua vila natal com D. Lourença Guimarães, professora local, ainda viva [em 1973] e já em idade bastante avançada. Às suas aulas seguiram-se as do professor José Pinto de Sousa, que, residindo em Campelo, vila vizinha, ensinava aos meninos da redondeza. Levado por este modesto professor, que o acompanhou, orientando suas leituras, deu o menino seus primeiros passos para a vida de estudioso que iria abraçar. Passava, então, seu tempo, dividido entre os trabalhos diários de ajuda a seus pais, no negócio, e as leituras noturnas a que se dedicava até altas horas, à luz de um candeeiro. Chegou mesmo a furar a palhinha da cadeira, seu corpo magro, tantas horas ali sentado.

Logo, porém, começa a ansiar por um saber mais profundo que não poderia ser encontrado naquela vilazinha modesta e simples. Para isso, no entanto, precisava de recursos que seus pais não possuíam. Teria que procurar por si mesmo o caminho para vencer as dificuldades financeiras da família. Foi quando, aos 17 anos, decidiu ingressar no Seminário⁸, levado, quem sabe, pelo profundo espírito religioso de sua família, principalmente de sua mãe. Lá, para compensar a gratuidade de seu curso, ajudava no ensino das classes mais atrasadas, porquanto, pelos conhecimentos adquiridos anteriormente, já ingressou em série mais adiantada.

⁷ Monografia apresentada ao professor Olmar Guterres da Silveira como parte da avaliação da disciplina "Os Estudos Linguísticos no Brasil", no primeiro semestre de 1973.

Apesar de termos feito a atualização ortográfica e algumas notas de pé de página ou [entre colchetes] e interferido na diagramação e na formatação das referências bibliográficas, mantivemos o texto original da autora, como um documento em homenagem a Ismael Coutinho.

⁸ Trata-se do Seminário São José, de Niterói.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Pelo desempenho de seu trabalho e dedicada perseverança, granjeou, de imediato, a estima e confiança de D. Agostinho Benassi, bispo de Niterói, de quem se tornou grande amigo e que o elevou à condição de seu secretário particular.

Assim passou, no Seminário, nove anos, empenhado em aprofundar, cada vez mais, seus conhecimentos. Chegou até a receber todas as ordens menores. Sua saúde abalada, no entanto, o levou a afastar-se do Seminário, para tratamento. Ao regressar, encontrou morto seu amigo e protetor, D. Agostinho Benassi, de cuja ajuda não se sentia capaz de prescindir para enfrentar os sacrifícios e dificuldades do sacerdócio. Estas e outras razões de ordem interior o teriam desencorajado a prosseguir a carreira religiosa, enquanto, ao mesmo tempo sentia que, aqui fora, poderia ser tão útil ou mais a seus semelhantes. Decide-se, assim, pelo afastamento (1926).

Começa então a carreira de educador e filólogo que se tornaria mais tarde. Já no Seminário, demonstrava seu interesse desperto para os estudos da língua vernácula, em artigos publicados, no jornalzinho da cidade em que residia sua irmã e onde costumava passar parte de suas férias (**Vide anexo I**).

Lecionou, inicialmente, no Colégio Silvio Leite, no Rio de Janeiro, durante dois anos (1927-28). Daí, atendendo ao chamado de seus conterrâneos, voltou a Santo Antônio de Pádua, para lecionar por mais dois anos, no educandário de José Lavaquial Biosca. Por essa ocasião torna-se conhecido de figuras representativas no magistério oficial que, impressionadas com seu preparo e com suas qualidades inatas de professor, convencem-no a se candidatar a uma vaga para a cátedra de português, no Liceu de Humanidades de Campos. Esse gato exigiu, do jovem professor, um grande esforço: teria que, em tempo exíguo, elaborar duas teses: uma de livre escolha do candidato, outra por imposição da banca, composta, entre outros membros, de Júlio Nogueira e João Ribeiro. As teses, *O Problema da Crase* e *As Criações Internas do Idioma*, escritas apressadamente, forma defendidas com tal segurança pelo candidato, que logrou um valioso comentário de João Ribeiro – “eu não teria feito melhor”. Foram-lhe conferidas notas excelentes, classificando-se em 1º lugar.

A 20 de maio de 1929, ano em que iniciava seu curso de direito, casa-se com D. Catarina Tavares de Lacerda.

Em novembro de 1930 é surpreendido com sua transferência para

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

o recentemente criado Liceu de Niterói, para ocupar a cátedra de português e literatura.

Conclui, em dezembro de 1932, o curso de ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil. Não pretendia, no entanto, ingressar na advocacia. Sabia de seus penhores para o magistério e para os estudos, sempre mais aprimorados, das línguas clássicas.

Durante alguns anos lecionou português, latim e grego nos colégios Bittencourt Silva e Brasil, renomados estabelecimentos de ensino da capital fluminense. Várias gerações passaram por suas aulas. Em torno do mestre uma admiração sempre crescente se impunha, não apenas por seus dotes intelectuais e morais, mas porque

Na sua presença, algo misterioso prendia o interlocutor: talvez a voz, que trazia o numeroso coração no metal de inflexão matizada de quem só sabia falar bem dos outros, talvez o riso franco, sem reticências nem malícias, senão a mesma alegria a transfundir bondade; certamente a efusão de simpatia, capaz de influir nos mais arredios e nos menos afins com sua grande alma. (MACHADO FILHO, 1965)

Em 1937, presta concurso para as escolas técnicas secundárias da prefeitura do, então, Distrito Federal⁹. Aí chegou a coordenador dos cursos do Instituto de Educação da atual Guanabara,¹⁰ em cujo cargo se aposentou.

Criou também, neste mesmo ano, com um grupo de educadores, entre eles, o Prof. Serafim da Silva Neto, o “Instituto de Humanidades”, que passou depois a ser denominado Colégio José Clemente e, atualmente, Instituto Gay-Lussac. Pouco depois retira-se da Sociedade, levado a outras solicitações.

Em 1938 publica sua principal obra, a *Gramática Histórica*, até hoje consagrada e já na 7ª impressão da 5ª edição.

Além de suas atividades intelectuais e de magistério, ocupou cargos públicos de natureza político-administrativa. Foi secretário da Prefei-

⁹ O antigo Distrito Federal foi transformado no estado da Guanabara em 1960, quando a capital da República se transferiu para Brasília; em 1975 se fundiu com antigo estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói, voltando a ser a capital fluminense e corresponde, atualmente, ao município da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ Aquele Instituto de Educação passou a se denominar Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1974-1997), quando se tornou o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tura Municipal de Niterói, de 1941 a 1943, substituindo o prefeito no final de seu mandato. Exerceu o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, de 1946 a 1948. Foi membro da Comissão do Livro Didático do Ministério da Educação. Presidiu o Conselho Deliberativo Estadual da Aliança Eleitoral pela Família. Foi também o primeiro presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1947 inicia seu funcionamento a Faculdade Fluminense de Filosofia, criada por um pequeno grupo de intelectuais, em que foi, além de um dos fundadores, o primeiro diretor eleito. Nesse estabelecimento de ensino superior, mais tarde incorporado à hoje Universidade Federal Fluminense, ministrou suas aulas de língua e literatura latina, cadeira que regia com a maior dedicação, responsabilidade e altruísmo, nos últimos dezoito anos de sua vida.

Participou de várias bancas de concursos para provimento de cátedras em diversas universidades brasileiras – Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, além de congressos, simpósios e colóquios realizados nos estados de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Foi membro fundador da Academia Brasileira de Filologia e ocupou, na Academia Fluminense de Letras, a cadeira nº 21, que tem como patrono o bispo Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho e ocupada, agora, recentemente (em 1973), por Maria Luísa Barroso. Teve assento, ainda, à Sociedade Brasileira de Romanistas, além de participar de outras entidades culturais.

Lia com facilidade várias línguas, que lhe possibilitavam a leitura de obras mais modernas lançadas nos grandes centros culturais do mundo. Punha-se, desta forma, sempre a par das últimas conquistas da ciência da linguagem. No entanto, pode-se dizer que “a obra de Ismael Coutinho, contrastando flagrantemente com sua intensa atividade cultural, é pequena.” (VALLE, 1966, p. 34)

Paraninfou várias turmas de formandos nas escolas em que lecionava, sendo eleito o patrono da turma de 1965, ano em que morreu, tragicamente, num acidente de automóvel.

De toda a sua carreira laboriosa de magistério, fixou-se na memória de quantos com ele tiveram a oportunidade de conviver a terna lembrança de um verdadeiro mestre que, como filólogo erudito que era, esta-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

va sempre pronto a esclarecer dúvidas de quantos o buscavam para soluções de problemas de linguística e gramática, fosse no refúgio de seu lar, em encontros no portão de escolas ou onde quer que fosse encontrado. Figura de destacada projeção nos círculos sociais, culturais e pedagógicos fluminense, “inteligência privilegiada a serviço de um coração boníssimo, cheio de sentimentos nobres, puros e elevados, despretensioso e modesto, verdadeiramente humilde, desconhecia o mérito pessoal.”¹¹

2. Bibliografia

Apesar de uma grande atividade cultural, pouco nos legou o professor Ismael Coutinho. Sua vida intensa de professor, sempre correndo, a cumprir rigidamente seus horários de aula e nisso era cioso, não lhe permitiu a tranquilidade necessária para produzir. Mas o que recebemos dele, bem pode demonstrar seu preparo e sua capacidade intelectual.

Dividimos este capítulo em duas partes. Na primeira, relacionamos a obra do mestre e na segunda, o que pudemos recolher sobre ele.

2.1. Bibliografia ativa

Inicialmente pensáramos em apresentar a bibliografia de Ismael de Lima Coutinho por assuntos, separando os estudos latinos dos de língua portuguesa. Mas entendemos que, para uma pesquisa inicial, seria muito minuciosa esta distinção e decidimos por uma apresentação cronológica de publicação, seguida pelos inéditos.

2.1.1. Publicações

1927.

Método de análise lógica. Rio de Janeiro: Tipografia Amorosa. Este trabalho foi destinado a candidatos aos exames de português.

1928.

As criações internas do idioma. Tese sorteada para concurso à cátedra de português do Liceu de Humanidades de Campos.

O problema da crase. Tese de livre escolha para o concurso à cá-

¹¹ In: “Depoimento para a história da vida e da obra de Ismael de Lima Coutinho”, Durval Baptista Pereira.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tedra de português do Liceu de Humanidades de Campos.

1936

Pontos de gramática histórica. Niterói: Livraria e Papelaria Acadêmica.

Obs.: Referimo-nos aqui, à publicação do primeiro ponto - *Gramática histórica. Método comparativo. Glotologia, filologia e literatura* – que se incorporaria, dois anos depois, à publicação da obra intitulada, ainda, *Pontos de Gramática Histórica*. O autor começou a publicação em fascículos, o que explica o título da obra, que nunca desejou mudar, mas que, a partir da 4ª edição, a editora entendeu por bem, e disso convenceu o autor, substituí-lo por *Gramática Histórica*, embora na folha de rosto se conservasse o nome primitivo

1938

Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Acadêmica.

Obs.: Em 1941 teve sua 2ª edição “melhorada”; em 1954 a 3ª “revista e aumentada”; em 1958, a 4ª edição “revista e aumentada”; em 1962 a 5ª, já reproduzida sete vezes, a partir de 1967.

1941

Réplica oportuna [à Profª. Albertina Fortuna Barros]

Uma achega etimológica (acabrunhar). In: *Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, 1941, p. 61-64.

Dois vocábulo aparentados (borco, emborcar). In: *Revista Filológica*, nº 10, Ano II. Rio de Janeiro, p. 15-17.

Um vocábulo de difícil etimologia [faro].

1954

Os estudos gramaticais latinos. In: *Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia*. Niterói, p. 111-118.

Obs.: Este artigo mereceu uma publicação póstuma in *Revista de Portugal*, XXX, 1965.

1955:

A propósito de minha gramática histórica. In: *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, Vol. 1, p. 27-51.

Resposta a um crítico. In: *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, nº 4,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

p. 45-58.

Recensão crítica: Angelo Monteverdi. *Manuale di avviamento agli studi romanzi. Le lingue romanze*. Casa ed. Francesco Vallardi, Milano, 1952, in 8º, 256 p. In: *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, ano 1, nº 2, p. 217-219.

1956:

Recensão crítica: Albert Blaise. *Manuel du latin chrétien*. Strasbourg, 1955. In: *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, ano 2, nº 1, p. 127-128.

Resposta a um crítico. In: *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, ano 2, nº 5, p. 43-56.

1958

Prefácio: *Bíblia Medieval Portuguesa*, de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: MEC/INL.

1959

Sugestões metodológicas para a execução do ensino de português. In: *Revista Escola Secundária*. Rio de Janeiro: CADES, nº 11, p. 54-64.

1964

A vida amorosa de Horácio. Conferência proferida na Sociedade Brasileira de Romanistas. Rio de Janeiro.

A desinência do acusativo do singular no indo-europeu. Comunicação feita na Sociedade Brasileira de Romanistas e publicada in *Romanitas*, ano II, vol. 2. Rio de Janeiro, p. 41-45. [Foi consultado o manuscrito que se encontrava no Instituto de Letras da UFF, sala 407].

Prefácio: *O Modernismo brasileiro e a língua portuguesa*. Luís Carlos Lessa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966.

Obs.: Apesar de sair a publicação somente em 1966, o prefácio foi escrito em 1964.

Cabe, neste capítulo, lembrar que o professor Ismael Coutinho escreveu inúmeras poesias em sua juventude, muitas delas publicadas em seções literárias de revistas e jornais, além de conferências extralinguísticas, como aquela sobre o Cristianismo. Muitos discursos também poderiam ser consignados aqui, mas talvez não interessem ao objetivo deste

trabalho.

2.1.2. *Inéditos*

Relacionamos, aqui, os artigos que conseguimos reunir do professor Ismael Coutinho e que não encontramos publicados em nenhuma das revistas para as quais costumava colaborar, além do trabalho que vinha desenvolvendo nos dois últimos anos de sua vida.

O “z” no antigo latim (Junho de 1964)

Estudo sobre “Parricida”

História de uma palavra: “Persona”

Estremunhar, estremunhado. Este artigo teria sido escrito para publicação na *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Serafim da Silva Neto*, o que não se verificou.

Notas sobre etimologia de *escorregar, estro e ascalfar*, sem redação final.

O verso hexâmetro. Artigo encontrado datilografado, com algumas correções, sem que possamos esclarecer as intenções.

Estudo sobre a “Ândria” de Terêncio. Seria este trabalho, em que vinha se ocupando intensamente nos dois últimos anos de sua vida o professor Ismael Coutinho, a tese que pretendia apresentar para concurso à Cátedra de Língua e Literatura Latina. Com efeito, regia o professor, interinamente, esta cadeira, desde a fundação da antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, desmembrada posteriormente em vários Institutos, entre eles o Instituto de Letras integrado à atual Universidade Federal Fluminense.

2.2. **Bibliografia passiva**

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Adeus, Mestre Ismael. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 05-08-1965.

CÂMARA JR., J. Matoso. Ismael de Lima Coutinho – Pontos de gramática histórica. *A Cigarra*. Revista da Editora “O Cruzeiro”. Rio de Janeiro, 1958.

_____. *Dispensos*. Organizada por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 214-215.

ELIA, Sílvio. *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963, p.

Revista Philologus, Ano 17, Nº 50. Rio de Janeiro: CIFEFil, maio/ago. 2011

_____. Os estudos linguísticos na América Latina. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário I, de 31-11-1970.

HAMPL, Zdenek. Ismael de Lima Coutinho. *Philologica Praguensia*, 1. Praga, 1966, p. 68-69.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Ismael de Lima Coutinho. *O Diário*, Belo Horizonte, 05-08-1965.

MADEIRA, Marcos Almir. Verbo e coração vernáculos. *O Fluminense*, Seção Prosa e Verso, Niterói, 01-08-1965.

MELLO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957, p. 68.

NEVES, Nilo. A grande ausência. *O Fluminense*, Niterói, 08-08-1965.

PEREIRA, Durval de Almeida Baptista. *Depoimento para a história da vida e da obra de Ismael de Lima Coutinho*. Discurso proferido no Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Niterói, 1965.

TORRES, Alberto. Em louvor do mestre. *O Fluminense*, Niterói, 08-08-1965.

TORRES, Artur de Almeida. Ismael de Lima Coutinho. *Revista de Portugal – Língua Portuguesa*, XXX. Portugal, 1965.

VALLE, Rosalvo do. Professor Ismael de Lima Coutinho. *Estudos Linguísticos*, ano VI, nº 1. São Paulo, julho de 1966.

_____. Prefácio da gramática histórica. In: COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

_____. Meu mestre Ismael Coutinho. Discurso proferido na Academia Brasileira de Filologia. *O Fluminense*, Seção Prosa e Verso, 09-10-1965.

3. Fontes de seu conhecimento linguístico

Estabelecer as fontes do conhecimento linguístico de Ismael de Lima Coutinho não é tarefa difícil. Elas se apresentam, não apenas ao percorrermos as páginas de sua principal obra, mas, ainda, em suas próprias palavras, no prólogo da 1ª edição da *Gramática Histórica*, quando diz:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Apoiando-nos sempre na autoridade dos mestres, assim nacionais que estrangeiros, entre os quais é de justiça apontar Meyer Lübke, Julio Cornu, Frederico Diez, Hubert, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Carolina Michaëlis, João Ribeiro, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes etc. (COUTINHO, 1938, p. 9)

Junte-se ao seu depoimento, a apreciação que faz Sílvio Elia, ao destacar o embasamento clássico de sua formação. É assim que, além de outras considerações, ressalta ser o autor da *Gramática Histórica*,

de boa formação clássica, praticando com rigor e mestria o método histórico-comparativo, é dos poucos que se movem, com segurança, no domínio indo-europeu, vindo diacronicamente dessa protolíngua ao latim, através do itálico, e daí às línguas românicas, particularmente a portuguesa. (ELIA, 1963, p. 203)

4. A Gramática Histórica

Esta obra, como reza o testemunho do próprio autor, foi o resultado de lições professadas em classe, nos estabelecimentos de ensino onde exerceu sua atividade (COUTINHO, 1938, p. 9). Publicada primeiramente em fascículos, logo sentiu o autor, motivado pelo incentivo de alunos e colegas, a necessidade de reunir as lições em um compêndio, surgindo, então, em 1938, a primeira edição, com um prólogo cheio de justificativas por “erros e senões”, como requeria a personalidade sempre modesta de Ismael Coutinho.

Esgotada, surge a 2ª edição, em 1941, revisada com “carinho” para “expurgar” os senões da publicação anterior.

Embora já há muito estivesse esgotada a 2ª edição, a 3ª só aparece em 1954, por razões diversas que não permitiam ao autor submetê-la a uma cuidadosa revisão. Ainda que a obra continuasse essencialmente a mesma, foram corrigidas algumas falhas, quais sejam, a ampliação de capítulos ou atualização de conceitos, já então “menos verdadeiros”. A partir de então, o livro serviria também a alunos do ensino superior. Mereceu esta edição extensa crítica do professor Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo, e do professor Mansur Guérios, da Universidade do Paraná. Estas críticas levaram o autor a publicar dois artigos intitulados “Resposta a um Crítico” (1955 e 1956), pela *Revista Filológica*, indicada na bibliografia, e “A Propósito de minha Gramática Histórica”, publicada na *Revista Brasileira de Filologia*, 1955, que estão sendo reeditados aqui.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em prazo mais curto do que o esperado, esgota-se a 3ª edição e, em 1958, é publicada a 4ª edição, revista e aumentada, mas não tanto quanto desejava o autor que, sempre preso a outros encargos mais prementes, se via impossibilitado de se dedicar mais profundamente à revisão de sua gramática que lhe era, como ele mesmo afirma, “uma espécie de filho intelectual.”

Nesta edição, diz o autor, “além das correções feitas aqui e ali, acrescentamos dois capítulos, um sobre perfeitos fortes e o outro relativo aos elementos gregos mais frequentemente usados em português”. Explica que este último capítulo que já aparecera na 1ª edição fora retirado das seguintes por parecer dispensável a alunos do curso secundário. Sua permanência na obra ampliaria demasiadamente o volume com os acréscimos que lhe vinha fazendo a cada edição. Agora, no entanto, é justificável a sua reinclusão.

Não demorou muito para se esgotar mais esta edição. E, dois anos decorridos, foi o autor solicitado a preparar uma 5ª edição, lançada, finalmente, em 1962. Esta seria a última publicação da *Gramática Histórica* em vida do autor. Nela procura sanar a lacuna verificada nas edições anteriores, com a indicação mais precisa das numerosas citações. Além disso, teorias mais modernas foram acrescentadas e várias correções feitas.

Seria interessante assinalar que o autor, talvez levado por um fator afetivo, não se sentisse encorajado a alterar em muito o texto original, o que podemos observar no tipo diferente que usava, sempre que introduzia uma modificação ou acréscimo. Isto pode verificar-se logo na introdução, nos parágrafos 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 18. O mesmo se pode observar no parágrafo 26, sobre a origem da linguagem que traz aos leitores conceitos mais modernos. E assim, sempre que alguma alteração se impunha, era feita no mesmo sistema.

Em vez de uma apreciação mais aprofundada da obra maior de Ismael Coutinho, considerando a natureza sucinta desse trabalho, preferimos alinhar alguns depoimentos de conhecidos e respeitados nomes desta área de estudos, pois como diz o professor Rosalvo do Valle, no prefácio da 6ª edição fotografada,

a obra já foi julgada. Não bastasse a crítica de linguistas e filólogos que a têm apontado como certamente o melhor compêndio sobre a história externa e interna da língua portuguesa, já pela segurança da doutrina, já pela exposição didática, aí está para consagrá-la o acolhimento dos leitores que têm esgotado as edições em prazos surpreendentes.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ou, ainda:

apresenta com segurança doutrinária e numa convidativa linguagem didática uma visão geral da história externa e interna da língua portuguesa, precedida de uma introdução que se destina a aparelhar o leitor de noções linguísticas indispensáveis ao entendimento pleno de alguns capítulos. (VALLE, 1966, p. 38)

Podemos lembrar a posição de Joaquim Mattoso Camara Jr., que diz ser a *Gramática Histórica* uma obra

que pode ser confrontada com as obras clássicas de J. Joaquim Nunes em Portugal e de Edwin Williams. Tem sobre Nunes a superioridade de uma exposição elegante e equilibrada e sobre Williams o estilo discursivo e coerente, além do compreensivo quadro histórico-social. (CAMARA JR., 1972, p. 214-215)

Mas há, no entanto, quem diga que sua maior obra são seus discípulos. Não andou muito longe da verdade o professor Torres, pois, realmente, Ismael Coutinho foi o mestre por excelência, e talvez por isso, para não prejudicar seus trabalhos didáticos que exerceu com grande sabedoria e amor, honrando as melhores tradições do magistério, talvez não nos tenha legado uma produção proporcional a sua “intensa atividade cultural.” (VALLE, 1966, p. 37)

Para finalizar este parágrafo, diremos que a *Gramática Histórica* já recebeu a partir de 1967, data da primeira impressão fotografada da 5ª edição, até hoje, sete impressões, sendo que em 1973 foram lançados 6.000 volumes e em 1974, 10.000. É inacreditável a receptividade dessa obra, não apenas no Brasil como em Portugal.

5. As etimologias

São vários os artigos sobre etimologia deixados pelo professor Ismael Coutinho. Realmente o consagrado mestre se comprazia em descobrir e estudar a história de palavras que apresentavam controvérsia quanto a sua etimologia. Assim é que pesquisou a origem de várias delas como *acabrunhar*, publicada na *Miscelânea em honra do professor Nascetes*, além de *parricida*, *persona*, *estremunhar*, *escorregar* etc., ainda inéditos. Outros apontamentos mais antigos encontramos, relacionados a estas pesquisas, e deles trataremos em outra oportunidade.

6. Os inéditos

Tomando por base a mesma ordem da apresentação bibliográfica dos inéditos, faremos um breve comentário a cada um dos artigos relacionados.

6.1. O “Z” no Antigo Latim

Sobre a presença do “Z” no antigo latim, demonstra-nos o autor as dificuldades que se apresentam na formulação dos conceitos, devidas à escassez de documentação nos textos mais antigos, anteriores à influência grega. De sua existência diz que temos notícia apenas por uma informação de Vélio Longo, gramático do século II, que nos foi transmitida por Varrão. Continuando a exposição, apresenta outras provas, primeiro de sua existência, depois de sua eliminação do antigo alfabeto latino. Para fundamentar sua teoria, fala-nos das palavras grafadas com z, encontradas na *Tabula Bantina*, da discutida inscrição do *Vaso Duenos*, da ocorrência do z no alfabeto etrusco, que deu origem ao latino. Também as línguas e dialetos itálicos, que conservaram o z podem comprovar sua existência. Finalmente firma sua posição, trazendo-nos o depoimento de autoridades em “assunto de fonética latina ou com ela relacionado”, como o de Georges Edon, Egbert, Kent, Seelmann, Wilhelm Brambach, Sommer e Ernesto Faria a quem, como revela o próprio autor, dedicou o trabalho.

6.2. Estudo sobre “Parricida”

Sobre a palavra *Parricida* nos mostra que, primitivamente, não tinha o sentido que lhe damos hoje, mas se referia a qualquer cidadão, pois o vocábulo foi “desde cedo identificado pelos romanos como um composto de *pater* ou *parentes*, de que resultou o sentido de “assassino do pai ou da mãe”, e que mais tarde se tornou exclusivo, como demonstram as línguas românicas”. Continua o artigo tecendo outras considerações sobre a evolução semântica da palavra. Mas a dificuldade se encontra em estabelecer sua etimologia. Demonstra ser este, evidentemente, “um vocábulo composto, cujo segundo elemento *-cida* (-s) pertence à mesma raiz de *caedo*, matar. A dificuldade está em identificar o primeiro elemento *pari-* ou *parri-*, para o que várias hipóteses são apresentadas. Finalmente, após muitas considerações plausíveis, encerra afirmando: “não pretendemos desatar o nó górdio. O nosso objetivo é sobretudo pôr de sobrea-

viso os nossos colegas, que veem no primeiro elemento do composto um derivado de *pater*.” Diz que o enigma permanecerá como um desafio, e termina com uma citação de Marouzeau.

6.3. História de uma Palavra: “Persona”

Para a palavra *persona*, também de discutida origem, toma como referência inicial a etimologia encontrada em Aulo Gélíio. Traz-nos, a seguir, as novas hipóteses aventadas por Keller, que sustentou ser um empréstimo grego “provido de “*prósopa*”, cuja significação conviria em parte ao latim *persona*. Não aceita a justificação por uma razão fonética que explica após. Formula, então, a hipótese de Dunkle, que também recorreu ao grego em sua explicação, e a de Duke e Skutsch, que afirmam ter essa palavra uma origem etrusca. Depois de tais considerações, contamos a história de *persona*, sua evolução semântica e finaliza com a relação de uma série de “derivados e compostos da forma erudita *persona*”.

6.4. Estremunhar, Estremunhado

No artigo sobre *estremunhado*, apresenta, inicialmente, as várias etimologias propostas por Adolfo Coelho, Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Júlio Moreira, consignadas no *Dicionário Etimológico* de Antenor Nascentes. Continua expondo outras hipóteses sugeridas por Sá Nogueira, Leo Spitzer, José Pedro Machado com quem, aliás, se declara de pleno acordo, quando ele afirma ao registrar *estremunhado*: “etimologia obscura, pois nenhuma das explicações até agora aparecidas satisfaz.” A seguir, declara o autor: “como estamos no domínio das hipóteses, não virá nenhum mal ao mundo que se proponha mais uma.” Apresenta sua hipótese em detalhada exposição, deixando a última palavra aos entendidos.

6.5. Estudo sobre a “Ândria” de Terêncio

Resta-nos, por fim, falar sobre o trabalho que vinha realizando com o maior entusiasmo, quando foi colhido pelo trágico acidente que o vitimou. Seria sua obra-prima, temos a certeza disso, o coroamento de todo seu trabalho, tal o esmero e a dedicação que vinha devotando a esta pesquisa. Para seu aprimoramento, encomendara da Europa vários livros especializados, alguns dos quais, chegados após seu desaparecimento.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Trata-se, como se sabe, de uma monografia sobre a obra de Terêncio, focalizando a peça “Ândria”. Pouco diremos sobre isto agora, já que é nossa intenção, com um estudo minucioso do assunto, organizar esse trabalho para uma possível publicação póstuma do autor. Diremos apenas que nos deixou traduzida toda a peça, fez um levantamento integral do vocabulário de Terêncio, estudou os personagens, a métrica e vários fatos sintáticos característicos da obra.

Antes de encerrarmos este capítulo, deveremos lembrar os pontos sobre a fonética, a morfologia e a sintaxe latina, que elaborava, nos intervalos, para orientação de seus alunos. Reunidos, dariam um valioso trabalho.

7. Conclusões

Se poucos trabalhos escritos recebemos do professor Ismael Coutinho, não se pode negar sua enorme colaboração no desenvolvimento cultural fluminense, ou porque não dizer, brasileiro. Ela se faz sentir nas gerações que passaram, como anteriormente dissemos, por suas aulas, quando soube despertar o gosto pelo estudo da língua, orientando vocações, despertadas, muitas vezes, no convívio com o grande mestre. Se não fora assim, o seria pelas lições extraclasse que dava a quantos o procuravam em consultas por cartas, telefonemas ou visitas a sua residência. Podemos repetir aqui as palavras do eminente educador fluminense, Prof. Francisco Bittencourt Silva, num depoimento prestado ao jornal *O Fluminense*.

O professor Ismael Coutinho teve o privilégio das mais nobres qualidades do verdadeiro mestre. Senhor da ciência da linguagem e didata perfeito, suas lições aclararam inteligências e despertaram vocações. Sua cátedra iluminou-se de autoridade nascida do saber, da modéstia, da bondade e da justiça. (SILVA, 1965)

A este depoimento, poderíamos acrescentar outros de renomadas figuras dos estudos linguísticos e filológicos, como o de Sílvio Elia: “Ismael Coutinho, dono de sólida e larga cultura, que procurava esconder através de espontânea e límpida modéstia.” (ELIA, 1971) ou o de Artur Torres: “...conquistou Ismael Coutinho, a despeito de sua profunda modéstia, o merecido renome de um dos mais acatados cultores da filologia no Brasil;” (TORRES, 1965) Ainda o de José Pedro Machado, em carta à família do professor; “A morte de Ismael Coutinho foi uma grande perda luso-brasileira... Na verdade, todo o mundo culto o sentiu, em particular

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

o luso-brasileiro”; da mesma maneira, o de Zdeneck Hampl: “É uma grande perda, tanto humana como científica”.

Como conclusão de nosso trabalho, diríamos que não se pode deixar de notar que, nos depoimentos apresentados, sempre um fato pode ser observado – nunca a figura humana do mestre esteve dissociada da figura do intelectual. Parece que uma se refletia na outra, e a tal ponto que se encontravam intimamente ligadas. Sua forte presença humana é notada até em sua obra científica. Nós, que conhecemos bem de perto o inesquecível mestre, sabemos, com certeza, que isto é a mais pura expressão da verdade.

EM TORNO DE UMA PRONÚNCIA

TORNO DE UMA
PRONÚNCIA¹

Cândido de Figueiredo diz que devemos dizer *Quíloa*, em vez de *Quilôa*, pronúncia hoje geralmente seguida.

Fundamenta a sua opinião com as duas seguintes razões:

1^a Se outra fosse a pronúncia da palavra, o verso de Camões: “A Quíloa fértil áspero castigo” estaria errado;

2^a É a pronúncia comum dos ingleses.

São bem fracas as razões que se vão buscar aos poetas da idade clássica para o estabelecimento de uma pronúncia, pois, é bem conhecido de todos, peno menos dos estudiosos, o seu exagero no uso das chamadas licenças poéticas.

Camões, que é a alavanca de Arquimedes do Sr. Cândido de Figueiredo no caso em questão, deixou-se também influenciar pelos exemplos dos seus antecessores e contemporâneos, e perpetrou, nos “*LUSÍADAS*”, *Dário*, *Próteo*, *Théseo*, *Semirâmis*, *Naiâdes*, *Cleopáttra*, *Eólo*, *Ethiôpes* etc., que eu aposto que o Sr. Cândido de Figueiredo não subscreveria.

Quem, pela necessidade do verso, escreveu *Dário*, *Próteo*, *Théseo* etc., não poderia também, pela mesma necessidade, ter escrito *Quíloa*? A resposta fica ao Sr. Cândido de Figueiredo.

A segunda razão do Sr. Cândido de Figueiredo é de tal modo inconsistente, que nem parece ser de um filólogo.

Ora, o inglês! Que tem que o inglês diga *Kilwa* e nós *Quilôa*? Não diz o inglês *potatoes* e nós *batatas*?

Cada qual governa em sua casa. Nem está errado o inglês quando diz

Em questão de linguagem, nada devemos ao inglês, somos completamente autônomos. Dependemos da Inglaterra somente na questão monetária. Em tudo o mais somos livres.

Os ingleses dizem *Milan* e nós, que nada temos que ver com os ingleses, dizemos *Milão*; os ingleses *Róterdam*, nós *Roterdão*; *Bérlin*, nós *Berlim*; *Páris*, nós *Paris*; *Brásíl*, nós *Brasil*; *Pórtugal*, nós *Portugal*; *Hólland*, nós *Holanda*; *Hánover*, nós *Hanóver*; *Kilwa*, nós... como dizemos nós?

Gilbraltár, que o Sr. Cândido de Figueiredo, aliás com muita razão, disse que é palavra oxítone, também não passou incólume pela boca dos ingleses. De *Gilbraltár*, que é a pronúncia correta, conforme a etimologia que explica com o nome do chefe árabe *Tarik*, em que o *a* é longo, o alongamento da última sílaba de *Gilbraltar*, sabe o Sr. Cândido de Figueiredo o que fizeram os ingleses: Nem mais nem menos que *Gilbrátar*.

Veja o Sr. Cândido de Figueiredo, pelo que aí fica dito, que escolher o inglês, como guia, na pronúncia de uma palavra portuguesa, é ser discípulo de um péssimo mestre.

Devemos pronunciar *Quíloa* ou *Quilôa*? Pronunciem lá como quiserem. Eu vou na onda com os que pronunciam *Quilôa*. Estou errado? Não importa. Enquanto não vierem razões mais fortes...

Ismael Coutinho.

NOTA – À nossa revisão do artigo do número passado “Motivos frágeis” ainda escaparam os seguintes erros: *Euaminemos em que...* por *examinemos as razões que...*; *honophonia* por *homophonía*; *elemento da formação* por *elemento de formação*; *inumeros* por *innumeros*.

1 *Município, Lavras (MG), 10-02-1924.*